

helenA magalhães

A  
DEVASTAÇÃO

SUMA  
de letras

*Para a minha mãe,  
que saiu da sua gaiola e me deu as suas asas  
para que eu pudesse voar*

*A Dor – tem um Elemento de Vazio –  
Não se consegue lembrar  
De quando começou – ou se houve  
Um tempo em que não existiu*

EMILY DICKINSON

*Um pássaro não canta porque tem uma resposta,  
ele canta porque tem uma canção.*

MAYA ANGELOU

*Por vezes sinto medo desta solidão maior  
do que nunca foi, imensa. Para onde quer  
que me volte só dou comigo mesma.*

MARIA JUDITE DE CARVALHO

## Capítulo 1

# Amenizadores de solidão

1990

Era uma manhã fria de abril e estava prestes a acontecer uma coisa terrível.

Na última vez que Mar se lembrava de ver a mãe, ela estava a percorrer a entrada do beco que conduzia à casa da avó. Atrás dela, a trote, serpenteando entre os vasos e a cantarolar de forma irregular, Mar era o espelho perfeito da bênção que é a ingenuidade infantil. A imagem da mãe era vaga, meio enevoada pela distância temporal e pela falta de nitidez, acrescente-se o desinteresse pelas coisas mundanas, irrelevantes aos seus olhos de criança. Lembrava-se da saia azul comprida da mãe e dos sapatos com tiras que atavam no tornozelo. Lembrava-se de que ela trazia uma mala grande e que a deixara cair de forma teatral à porta da avó, de braços cruzados e um esgar de desdém, ainda que Mar não soubesse interpretar os olhares dos adultos. Lembrava-se que se baixara até à altura dos seus surpreendentemente maduros seis anos e colocara as mãos nos seus ombros ossudos e respirara fundo. Talvez se quisesse despedir. Ou talvez se questionasse por que razão a iria deixar e partir para uma grande aventura de vida com o seu pai, só que Mar ainda não sabia de nada disso. Pensava que era apenas outro dia normal, vejamos, não há nada tão gracioso como a inocência infantil. A avó limitou-se a ficar encostada à ombreira da porta, o cigarro na mão

e o fumo a esvoaçar à sua volta. Ninguém falou, um silêncio espectral carregado de gritos mudos. Dentro da cozinha estava um copo de leite em cima da mesa e o pão já estava na torradeira, rotinas quotidianas repetidas para enganar olhos atentos. A mãe ia para o trabalho, a avó ia levá-la à escola e à noite o pai vinha buscá-la. Então, a mãe suspirou alto e exageradamente, um milhão de coisas foi dito em silêncio entre as duas mulheres, ela virou costas e voltou a percorrer o beco e desapareceu na esquina. Mar voou porta fora em gargalhadas, correu atrás dela para o habitual beijo de despedida, mas a mãe não se virou uma única vez, teria sido demasiado doloroso se a criança visse as suas lágrimas. Mar gritou: Até logo, mamã, mas o até logo nunca chegou de volta. A mala ficou encostada à porta de casa da avó, era a sua mala com as suas roupas, a almofada amarela do Vitinho e a velha boneca Emília do Sítio do Picapau Amarelo, que não largava por nada, mas ela também ainda não sabia disso. Sentou-se à mesa, bebeu o copo de leite, fez bigodes brancos para a avó se rir, todavia a avó não se riu. Partiu a torrada e foi comendo e barrando com doce de amoras que tinham apanhado no verão anterior. A avó limitou-se a permanecer de costas, a lavar qualquer coisa na pia e a murmurar respostas vagas à sua tagarelice matinal.

O dia passou com a habitual despreocupação, se havia uma guerra a acontecer, e havia, passava-se noutra realidade, alheia às dores de uma criança. Mar voltou da escola e a sala de costura da avó, que antes fora o escritório do avô, era agora o seu quarto. Ficou parada à porta a olhar para as suas poucas coisas ali despejadas na velha sala de paredes a descascar.

Os teus pais têm de ir a Macau, justificou a avó sem grandes floreios ou emoção, não era pessoa de entaramelar as conversas com palavras bonitas. Mostrou-lhe onde ficava Macau no mapa que estava colado na parede, uma das poucas coisas que ficara depois de o avô morrer, porque a avó achava que lhe bastava olhar para os pontinhos vermelhos para se lembrar das aventuras que tinham vivido. Não era necessário ter a casa amontoada de objetos como

se fossem talismãs, as memórias iriam continuar com ela. A tralha traz pó, costumava ela dizer. E o pó cria enfisema nos nossos pulmões, e Deus nos livre de terminar a vida a arrastar um carrinho de oxigénio, era só o que me faltava, dizia. E depois havia os álbuns de fotografias e a parede da sala cheia de molduras de outros tempos. Mas o que era um mapa para uma criança de seis anos, tão infantil como se esperava que fosse, mesmo que tivesse entrado para a escola mais cedo por fazer anos em janeiro? Aquele mapa, até então, fora apenas uma aguarela amarelada e azul com pionés vermelhos onde a avó lhe mostrava sítios inimagináveis aonde fora com o avô. Colocaram um pionés verde, a avó disse: Aqui estão os teus pais. Pouco ou nada ligou àquilo. Com a confiança habitual de uma criança, sabia que iriam voltar, aquele pionés verde de plástico lá ficou, moribundo, no velho mapa colado na parede por cima da cama de Mar.

Os dias passaram pintados de atividades que a avó lhe impingiu para a manter ocupada, a dada altura deixou de lhe falar na grande aventura que os seus pais estavam a ter. Quando Mar perguntava, limitava-se a encolher os ombros e a dizer para não pensar nisso e voltar a fazer o que estivesse a fazer no momento. Mas como é que se diz a uma criança que tem saudades dos pais que eles não vão voltar? Que a deixaram? Que partiram para outra vida da qual ela não faz parte? Passaram-se semanas, a escola acabou, o verão voltou e ela e a avó partiram para Castelo Branco como faziam todos os verões. Dessa vez sem a mãe, que continuava na sua grande aventura de vida com o pai. Por essa altura, Mar e a avó já não falavam deles. Ela queria fazer-lhe perguntas, embora não as conseguisse realmente formular, faltava-lhe a capacidade de expressão típica da idade. E a avó também não sabia que respostas dar. A miúda aterrara na sua vida e ela simplesmente resolvera o assunto, porque era assim que se fazia as coisas e a avó era uma mulher sólida.

Mar olhava para as avós das suas amigas da escola, velhas simpáticas e doces de cabelos brancos presos num carrapito, e continuava a preferir a sua — também não tinha mais nenhuma, e a avó era tudo

o que conhecia, a presença mais constante na sua curta vida. A avó era altiva, um pouco orgulhosa, fumava muito, falava alto, ouvia música e dançava sozinha no meio da cozinha. Os seus cabelos estavam pintados de cor de vinho e costurava as suas próprias roupas a partir de restos de tecidos que encontrava na velha loja do Chiado ou na Feira da Ladra. Mar já se habituara aos olhares das outras velhas, à surpresa, por vezes ao choque e aos sussurros, é que a avó criava a sua própria moda, extravagante e original, dizia: Para chata já basta a velhice. Tinha as orelhas furadas e isto parecia de grande importância na sua observação: os seus brincos não ficavam pendurados com o furo da orelha cada vez maior e mais descaído. Mar sempre achara repulsiva essa imagem nas velhas, como a sua outra avó, que mal conhecera, mas cuja fotografia na parede do escritório do pai costumava estudar, e que ostentava uns belos brincos de minhota. Muito dourados, muito grandes e muito pendurados nos seus furos já tão abertos que caberiam lá dez brincos. Mas esta avó era peculiar, usava pequenas pérolas elegantes nas orelhas, um cigarro colado à mão direita e lia muitos romances com capas questionáveis que forrava com velhas folhas de jornal. Era tão vigorosa e prática que, após a morte do marido, decidira simplesmente doar os seus bens pessoais e chutar a vida para a frente. Abrira o roupeiro e tirara as roupas dele, arrumara-as bem direitas e dobradas em sacos grandes que depois deixara na igreja para que o padre fizesse o que bem entendesse, que doasse, que vendesse, que benzesse, que as usasse ele por baixo da sua batina feia. De caminho esvaziara o escritório e desfizera-se da sua coleção antiquíssima de cachimbos horríveis com a mesma ligeireza com que sacudia os edredões à janela ao sábado de manhã, porque repetia, e repetia, e repetia: tralha fazia pó.

Em Castelo Branco, os seus pais eram o grande elefante cor-de-rosa no meio da sala. Toda a gente sussurrava sobre a avó no café, à porta da igreja que ela não frequentava, na padaria, no mercado, na feira, na papelaria onde iam comprar autocolantes para a sua caderneta de trajas de todo o mundo. Mar nunca lhe disse que ansiava

pelo cromo dos trajes de Macau só para poder olhar e imaginar os seus pais assim vestidos nas suas novas vidas naquele ponto verde exótico no mapa do quarto. Havia uma coisa que continuava a pairar na sua cabeça: Porquê Macau? Com tantos sítios para se evadirem, o que é que havia de tão especial em Macau? Por baixo disso havia outra questão, mais violenta e incómoda: Porque é que Macau importava mais do que ela? Ademais, sabia sobre o que todos falavam naquela terra longe de tudo, cegos do facto de que uma criança percebe muito mais do que dá a entender. Mas deixava que os dias passassem por si com a naturalidade infantil de viver o faz de conta. Eram quentes, secos como só o interior sabe ser, onde as horas passavam lentamente e os dias flutuavam na pasmação de agosto.

Apanhava amoras com a avó, ajudava-a a fazer doces, faziam pão e trabalhavam na horta, mas também brincava com os outros miúdos da terra, às vezes iam nadar no rio, comiam gelados, andavam de burro, atazanavam as galinhas e corriam pelas ruas estreitas e de pedra a gritar como se fossem índios. Os adultos falavam de coisas de adultos, eles, os miúdos, entretinham-se com qualquer brincadeira. Mar não guardava grandes memórias desse verão porque, de certa forma, se tornara demasiado doloroso pensar nele. No fim de agosto, ela e a avó regressaram a Lisboa e Mar voltou a ocupar o seu posto de vigia à janela. Observava a avó, tentava perceber o que lhe ia na mente, colocava-lhe questões silenciosas que sabia que ela não lhe iria responder. Começou a passar mais tempo a olhar para o mapa e a traçar com o dedo linhas imaginárias de Portugal a Macau. A sua consciência de país, de viver em Portugal, ainda não estava bem consolidada. Ela sabia que estava naquele pontinho amarelo que a avó colocara para lhe mostrar onde viviam à beira de uma imensidão de azul. Pensava nos seus pés a tocar no chão e imaginava-se um ponto microscopicamente minúsculo que fazia parte daquele piónés amarelo. Mas do amarelo ao verde, onde estavam os seus pais, não lhe parecia uma grande distância. Se tinham chegado lá, ela também poderia chegar. A grande questão,



aquela que ocupava os seus pensamentos mas para a qual ainda não conseguira encontrar palavras para exprimir, era apenas uma: Porque a tinham deixado cá?

A avó vivia em Alfama numa casinha pequena que fazia parte de uma estrutura principal que pertencia a Isaurinha. Não havia nada de especial naquele sítio, era apenas uma entre muitas ruas antigas, a calçada irregular, as portadas verdes, as velhas à janela, os sons do bairro, as roupas no estendal, a gritaria das vizinhas. Era apenas uma casa que se encaixava num pequeno beco sem saída e onde Isaurinha transformara o barracão do lado numa casa minúscula com dois quartos, uma salinha e uma cozinha. Entrando no beco, um carreiro de pedra ladeado de grandes vasos de plantas dos dois lados projetava-se à sua frente. A casa da avó ficava escondida no fim do carreiro do lado esquerdo, uma estrutura pequena com uma porta verde-escura por onde se entrava diretamente para a cozinha. A decoração era tão eclética quanto as roupas da avó. O seu sofá era grande, velho e de um verde que em nada combinava com o tapete oriental em tons de bordeaux nem com as almofadas floridas e coloridas. Era uma salgalhada de cores, padrões e texturas que se tornavam estranhamente acolhedores. E depois havia o avô, que não estava só no mapa. A avó podia ter doado as suas roupas, bugigangas e outras tralhas que tais, mas a sala tinha uma parede de tijolo atulhada de molduras com fotografias das aventuras dos dois. E, enfim, os objetos não traziam os mortos de volta. De que serviria, portanto, manter a casa com cachimbos que ninguém iria fumar ou com roupas que ninguém iria vestir?

Lá fora, de frente para a porta da cozinha, umas escadas pequenas de pedra conduziam a um pátio e à casa de Isaurinha. As duas mulheres tinham feito um pedido junto do presidente da freguesia para que pudessem explorar dois metros de terra inutilizada e abandonada ao lado das suas casas. Isaurinha sugerira pagar uma quota anual pelo uso da terra, e o velho político de esquina, que gostava de mostrar a sua generosidade para com todos os seus eleitores,

aceitara sem pensar duas vezes. Não estava à espera de que a sua bolsa enchesse quando as duas velhas atrevidas lhe entraram pelo gabinete sem bater à porta e aquela pequena assembleia tornara-se, portanto, bastante frutífera. A avó e Isaurinha tinham celebrado nesse dia com um licorzinho, sob os olhares das vizinhas que, curiosas, as observaram, dia após dia, a remexer na terra e, atónitas, viram nascer uma horta artesanal. Esse tornou-se o motivo de grande discórdia do beco e as outras mulheres, à revelia, roubavam salsa, coentros ou folhas de menta que, depois, faziam questão de pôr a secar à janela. Se havia uma horta no beco, era de todas, reclamavam, a avó chamava-as de velhas chucras.

Como não sabem fazer, roubam-nos, Mar, percebeste? Eu sei muito bem quem é que nos roubou os morangos, gritava da janela, propositadamente, para as velhas chucras ouvirem.

Os morangos. Os malditos morangos, pensava Mar

Sabes, dizia a avó, a vida às vezes não tem consideração nenhuma por aquilo de que gostamos.

Porquê?

Porque nos faz mal.

Não eram só os malditos morangos com uma camada grossa de açúcar amarelo que a avó gostava de comer à noite sentada no sofá. Eram os cigarros, as garrafas de licor escondidas no armário da cozinha, os petiscos ao fim do dia e os amenizadores de solidão de que a avó garantia que não precisava.

E para importunar as velhas chucras, já que, à falta de uma horta, todas tinham agora hediondos vasos de barro às suas portas com morangos a nascer, Mar tornara-se uma profissional larápia de morangos. Entrava em casa com os bolsos pegajosos cheios deles. Olha-me esta chucra, comentava a avó com um sorriso. Lavava-os, arranjava-os e colocava-os de molho para comerem depois do jantar.

Mar gostava de se sentar com a avó a descascar feijão-verde ou a passar peixe por farinha ao domingo de manhã. Fingia que o fazia e a avó fingia que não reparava. Eram serenos, aqueles dias, a avó

sentada na cozinha com um alguidar de qualquer coisa à frente, a música a tocar e ela a cantarolar ao ritmo das suas mãos.

Isaurinha deixava-a brincar no seu pátio. Era pequeno e bonito, com um grande limoeiro que criava sombra na primavera e pintava a vista da janela da cozinha da avó de amarelo. No final desse verão, depois de voltarem de Castelo Branco, Isaurinha colocara uma pequena mesa de madeira com dois bancos por baixo do limoeiro. Mar passara aqueles dias de fim de agosto lá sentada a fazer desenhos e a ouvir as músicas que vinham da sala da velha vizinha, músicas a que já se habituara, velhos discos franceses e coletâneas dos anos 60, além disso, também gostava de a espreitar pela janela. Isaurinha era uma senhora muito gorda de cabelo arroxeadado, tal como a avó, era espampanante, barulhenta e de riso fácil. Muitas vezes, enquanto estavam na cozinha, conseguiam ouvir as suas gargalhadas ao telefone com alguém ou enquanto via algo na televisão. Ela ouvia música num gira-discos velho com uma grande tampa em vidro que fora do marido, e a sua coleção de discos, feita por ele em vida, ocupava toda uma parede. Mar questionava-se se ela alguma vez iria conseguir ouvi-los todos, imaginava-a em casa num interminável tira-e-põe de discos. Era uma colecionadora de talismãs do passado, portanto.

Mas aquela música acompanhava as suas tardes, Isaurinha dava-lhe sumo e arroz-doce, e à noite Mar levava os desenhos para casa e colava-os por cima do mapa do avô. Deixou de querer ver aquele pontinho verde, já não queria saber onde ficava Macau. Enquanto as velhas chucras observavam da janela, ansiosas por se juntar, mas aquela rivalidade de bairro tornara-o impossível, elas almoçavam juntas todos os domingos. A avó levava o peixe frito, Isaurinha servia nos seus pratos verdes em forma de couves. Mar deixou de tentar perceber como viver com a avó, porque era como se já não se recordasse de outra forma de ser. Aquele era o seu novo normal, uma benévola capacidade de adaptação fácil que só acontece quando somos crianças, o estranho torna-se comum, deixa de nos fazer comichão. Numa noite desse fim de verão, sentaram-se no quintal de Isaurinha.

A música voava pela janela, elas fumavam e falavam sobre histórias de outros tempos, sobre as velhas vizinhas e as obras da calçada, sobre o padre e o preço do peixe no mercado sempre a subir. Em silêncio, Mar contemplava o céu, a mãe costumava dizer-lhe que a lua era mentirosa. Aquilo nunca lhe fizera nenhum sentido, mas a mãe tentara ensinar-lhe tantas coisas, arrependia-se de não ter prestado atenção a muitas delas. Enquanto olhava para a escuridão do céu, pensou que a mentirosa era ela, porque nunca mais iria voltar.

Porque é que a lua é mentirosa?, perguntou à avó e a Isaurinha, interrompendo a sua conversa.

Olha as coisas que esta rapariga diz, respondeu Isaurinha com uma gargalhada.

A avó sentou-se direita, apagou o cigarro já quase gasto. Mas porque perguntas isso?

A mãe dizia que a lua era mentirosa.

Olha para a lua, disse a avó, está pequenina, não está? Porque está em quarto minguante. Já esteve cheia e agora está a esvaziar. Parece-se com a letra C, mas não está a crescer. É por isso que é mentirosa.

Não compreendeu muito bem. A avó disse que quando fosse mais velha iria aprender isso na escola, mas prometeu levá-la à biblioteca no fim de semana para verem desenhos da lua. Aquela seria a última noite que passariam no quintal de Isaurinha e a avó não lhe chegaria a explicar mais coisas sobre a lua. Porque houve uma série de nomes demasiado complicados que Mar ouviu os médicos dizerem a Isaurinha, e a última vez que a viu estava afundada numa cama com tubos enfiados na boca e a sua pele branca e enrugada parecia de porcelana. Pensou que, se lhe tocasse, os seus dedos iriam atravessar a pele e tocar nos seus ossos, nos órgãos e no quer que fosse que existisse debaixo da sua pele fina como papel vegetal.

Vai correr tudo bem, disse-lhe Isaurinha nessa noite depois de chegarem do hospital. Sentaram-se no seu grande sofá de pele castanha da sala e viram televisão para ocupar o tempo que parecia

não passar. O sofá fazia barulho quando se mexia, as suas pernas estavam coladas ao assento e sentia-se suada e pegajosa. Nunca sentiu tanto a falta da avó como naquela noite em que ela ainda era como o gato de Schrödinger, ao mesmo tempo viva, ao mesmo tempo morta, a verdade é que estava longe de compreender exatamente o que estava para chegar. Isaurinha deixou-a comer uma papa de iogurte com bolachas esmagadas, porque não estava com energia para fazer jantar. Para si, limitou-se a preparar um copo de líquido dourado que abençoou com duas pedras de gelo e, de olhos postos num céu infinito para lá do teto da sala, brindou à avó.

À tua, exclamou, minha velha camarada.

A sala tinha um grande armário cheio de loiças e tantas mais bugigangas lá dentro que Mar pensou que nunca deveriam ser usadas pelo trabalho que daria voltar a arrumá-las. Isaurinha abriu o armário e, para surpresa de Mar, retirou um velho cachimbo do avó, tão deslocado naquele cenário quanto ela mesma se sentia. Acendeu-o e expirou com força para o teto. Nessa noite, Isaurinha falou-lhe da avó, contou-lhe histórias que ela nunca ouvira e riram muito. Mar nunca tinha parado para pensar como Isaurinha era uma velha divertida, sempre pensara nela como um tanto pitoresca, tal como a sua avó, mas a sua tentativa de a animar funcionou, porque ela acabou por adormecer. E no dia seguinte a sua vida como até então a tinha conhecido mudou mais uma vez. Primeiro os seus pais. Agora a avó. E eu?, pensou. E eu?

Mar, minha querida, vem cá, disse Isaurinha quando a viu levantar do sofá. Estava sentada à mesa da cozinha, os seus cabelos roxos desalinhados como nunca os vira, habituada como estava a vê-la sempre aprumada, um cigarro igual aos da avó nos dedos da mão direita e a roer as unhas da mão esquerda.

Bom dia, respondeu Mar ainda meio ensonada, arrastando-se pelo corredor até à cozinha.

Senta-te aqui ao pé de mim, reforçou Isaurinha, batendo com a mão na mesa. Puxou uma cadeira e aproximou-a de si.

A avó?, perguntou Mar, interrompendo-a.

Ai, Mar... Isaurinha soluçou e, nesse momento, Mar compreendeu. Uma criança entende pouco do mundo, mas percebe a dimensão da dor quando vê um adulto chorar. A tua avó partiu, soluçou ainda mais alto, está agora com o teu avô.

Onde?, questionou Mar, embora soubesse que não estava em lado nenhum no mapa e não havia pionés que a pudesse localizar.

Foi para o céu, respondeu a velhota derrotada, uma lágrima a cair lentamente pela sua bochecha enrugada com restos de pó cor de laranja ressequido.

E bastou isso. Foi para o céu. Já não havia avó. E não importava o que Isaurinha dissesse para aplacar as coisas que Mar estava a sentir, porque havia apenas uma a pulsar na sua cabeça: não tinha mais ninguém. E o que é que aconteceria às crianças filhas de ninguém?

Quando a vieram buscar e Isaurinha se despediu com os olhos marejados de lágrimas e longos soluços intercalados com exclamações de isto não está a acontecer, ó porquê, porquê, Mar ficou muito tempo de olhos pregados na sua figura enquanto o táxi se afastava. Isaurinha era a última coisa que a prendia à vida que sempre conhecera, os restos de memórias da avó, de casa, de família, de si. Viu-a ficar cada vez mais pequenina até não ser mais do que um borrão na paisagem. Então, virou-se no banco e sentou-se direita, não verteu uma única lágrima. Manteve-se de lábios cerrados sob o par de olhos atentos da freira que a levou no táxi para a estação e da estação para o comboio. Sentou-se à janela, encostou a cabeça e olhou lá para fora.

Os campos passavam com rapidez, um grande borrão verde que acabou por embalá-la num sono débil. Acordou mais tarde meio desconcertada, já estava de noite, parecia tudo demasiado confuso. Três dias antes estava no quintal de Isaurinha com a avó e agora estava num comboio com uma freira, a Irmã Leonor.

Mas todas me chamam Irmã Nô, referiu. Todas. A palavra ficou a morder-lhe na ponta da língua durante algum tempo.

Para onde vamos?, perguntou Mar baixinho. A irmã, meio adormecida, ou apenas a descansar a vista, abriu os olhos e virou a cabeça para ela.

Para Veiros, minha querida, respondeu com um sorriso.

Onde é?

Vamos para uma terra ao pé de Estremoz. Esticou as pernas, alongou as costas e tirou do seu saco um pedaço de pão embrulhado em papel. Acrescentou: Toma, come. Deves estar com fome.

Mar aceitou o pão e deu-lhe uma trinca. Estava mole, seco e tinha chouriço vermelho como sangue. As migalhas caíram para cima do seu vestido amarelo-claro com patos desenhados. Era um dos favoritos da avó, fizera-o na sua máquina de costura.

A Irmã Leonor olhou ternamente para ela e pegou na sua mão. Disse: Eu sei que neste momento tudo parece terrível e deves estar a sentir-te profundamente triste, mas vais ultrapassar isto, está bem? Mar ficou em silêncio a mastigar lentamente um pedaço de pão já triturado na sua boca. Não estás sozinha, continuou a freira, e nunca vais ficar sozinha, prometo.

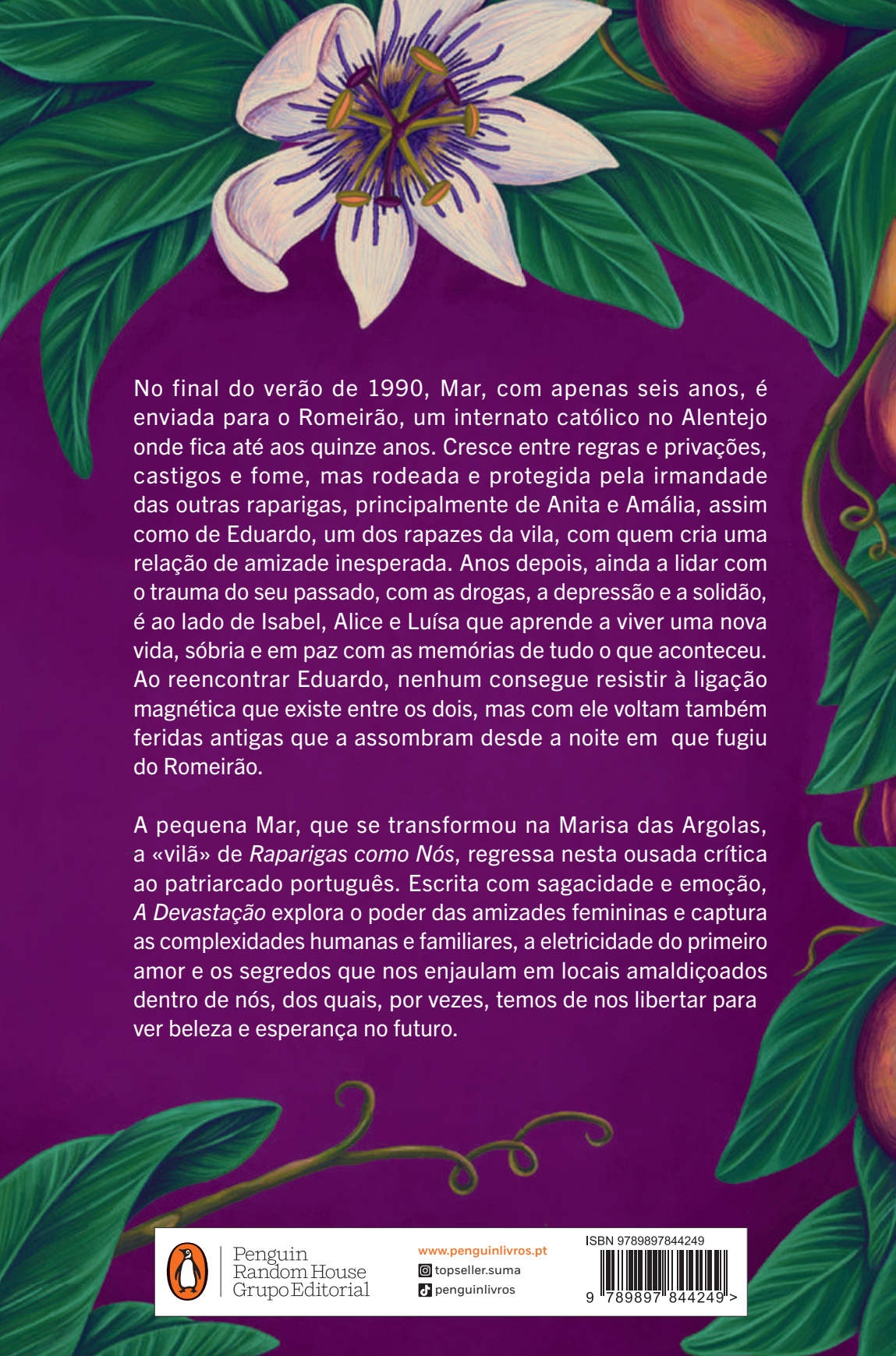
Talvez fosse por se rever naquela rapariga franzina de cabelos pretos e olhos esbugalhados atentos a tudo o que a rodeava, talvez fosse a forma como se aguentava estoicamente sem quebrar. A Irmã Leonor sentiu uma profunda necessidade de a amparar porque, sabia por experiência própria, habituar-se a uma nova vida no Romeirão não iria ser fácil. E já decidira há algum tempo que o seu papel ali era recriar o mais próximo que conseguisse da perção de família e proteção, por mais invulgar que fosse, mesmo num lar de freiras.

A terra é pequena, mas vais gostar, continuou. O nosso lar é ao pé do castelo e as gaiatas vão para lá apanhar laranjas e figos. Vais gostar de as conhecer. São mais velhas do que tu, mas vais fazer boas amigas. A escola também é ao pé do lar e irás todas as manhãs. Vais ver que cedo te vais habituar. A escola só começa em outubro. Ainda vamos passar muito tempo juntas antes de começares as aulas. Já sabes ler? Informaram-me que vais para o segundo ano. E tens muito

boas notas, que maravilha... Suspirou. Desculpa-me, eu começo a falar e deixo-me embalar. Deves estar exausta e estou aqui a desbobinar tanta informação nova para ti.

Mar acenou com a cabeça e continuou a mastigar lentamente o pão. A Irmã Leonor afagou-lhe o braço e deixou-a comer em silêncio, de olhos postos no vidro sujo do comboio, a única coisa que via era o seu reflexo no vidro. Um rosto estranho que olhava para si. Um rosto assustado, triste, confuso, perdido, talvez desesperado, talvez com medo, talvez com emoções para as quais ainda não tinha palavras. As horas passaram, ou voaram porque havia magia naquela transição, e quando Mar chegou ao seu destino estava tudo silencioso, a única coisa que se ouvia eram os grilos ao longe e os sons de uma terra que, com o tempo, iria aprender a identificar e a conhecer tão bem.





No final do verão de 1990, Mar, com apenas seis anos, é enviada para o Romeirão, um internato católico no Alentejo onde fica até aos quinze anos. Cresce entre regras e privações, castigos e fome, mas rodeada e protegida pela irmandade das outras raparigas, principalmente de Anita e Amália, assim como de Eduardo, um dos rapazes da vila, com quem cria uma relação de amizade inesperada. Anos depois, ainda a lidar com o trauma do seu passado, com as drogas, a depressão e a solidão, é ao lado de Isabel, Alice e Luísa que aprende a viver uma nova vida, sóbria e em paz com as memórias de tudo o que aconteceu. Ao reencontrar Eduardo, nenhum consegue resistir à ligação magnética que existe entre os dois, mas com ele voltam também feridas antigas que a assombram desde a noite em que fugiu do Romeirão.

A pequena Mar, que se transformou na Marisa das Argolas, a «vilã» de *Raparigas como Nós*, regressa nesta ousada crítica ao patriarcado português. Escrita com sagacidade e emoção, *A Devastação* explora o poder das amigas femininas e captura as complexidades humanas e familiares, a eletricidade do primeiro amor e os segredos que nos enjaulam em locais amaldiçoados dentro de nós, dos quais, por vezes, temos de nos libertar para ver beleza e esperança no futuro.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@ topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897844249



9 789897 844249 >